

## **MISSÃO INTEGRAL:**

# **Análise comparativa do conceito de Missão da Igreja entre a filosofia da Convenção Batista do Estado de São Paulo, e a de René Padilha, a partir de David Bosch.**

Pesquisador: Emanuel Rubens de Carvalho  
Orientador: Prof. Ms. Vanderlei Gianastacio  
Faculdade Teológica Batista de São Paulo  
Departamento de graduação em Teologia  
Eixo Temático: Teologia Prática: Missões  
Categoria: Pôster

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo descobrir pontos convergentes e divergentes entre as “confissões”, da filosofia de Missão da Igreja da Convenção Batista do Estado de São Paulo (CBESP) e o conceito de Missão integral de René Padilha. Estes serão analisados a partir do entendimento de David J. Bosch sobre Missão da Igreja. Bosch foi um missiólogo protestante proeminente, sua contribuição e influência nos estudos sobre a missão em nível global foram imensas, prestou serviço missionário em Transkei, foi professor de Missiologia na Universidade da África do Sul, decano da Faculdade de Teologia, secretário geral da Sociedade Missiológica Sul-Africana e presidente nacional da Assembléia de Lideranças Cristãs da África do Sul, estas são apenas algumas dentre outras inúmeras contribuições que este autor deu ao campo da missiologia, por isto ele será o referencial teórico.

O primeiro conceito a ser desenvolvido é o de René Padilha, os enfoques que esse autor pontua como sendo principais, serão explanados juntamente com os seus motivos e alvos, feito isto analisaremos a filosofia da CBESP, lançando mão tanto a declaração da Convenção como também de autores que influenciaram no desenvolvimento do pensamento Batista, e outros que escreveram acerca de.

Buscando assim, após as explicações de cada enfoque, uma melhor compreensão de ambos os conceitos, para que então seja averiguado pontos comuns e diferentes entre eles, observando também quais pontos em que cada um deles se aproxima e converge com o conceito de Bosch sobre a Missão da Igreja.

David Bosch em seu livro *Missão Transformadora*, que foi escolhido como um dos quinze livros de destaque de 1991 para o Estudo da Missão, pelo periódico *International Bulletin of Missionary Research*, conceitua a missão da Igreja como “um processo contínuo de peneirar, testar, reformular e

destacar. Isso significa que se deve entender a missão como uma atividade que transforma a realidade e, simultaneamente, que existe uma necessidade constante de a própria missão se transformar” (2002, p.609).

René Padilha, o autor a ser analisado primeiramente, foi um dos preletores do 1º Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, Suíça, em julho de 1974. Esse congresso tinha como intuito reafirmar a vocação das igrejas espalhadas pelo mundo e visualizar desafios e recursos, tendo como alvo a evangelização mundial e observando também a importância e relação da evangelização com o serviço social. Segundo Valdir R. Steuernagel, no prefácio do livro: “René Padilha pode ser considerado um dos pais, na América Latina contemporânea, da busca por uma missão da igreja que seja, ao mesmo tempo, bíblica e contextual” (PADILHA, 2005, p. 8). René Padilha é responsável por vários artigos, matérias e livros que abordam o tema missão integral.

Padilha conceitua a missão da igreja como sendo integral, e essa missão é dividida por ele em três enfoques que devem ser realizados pela igreja: Evangelização e Discipulado, Colaboração e Unidade e Desenvolvimento e Justiça.

O autor entende que Evangelização e Discipulado é um fator necessário a ser desenvolvido pela igreja por existirem muitos lugares que não foram evangelizados, como os países muçulmanos e a China, e por ainda haver aqueles que um dia serviram como base do movimento missionário e hoje se tornaram um novo campo missionário. Para Padilha, a necessidade de alcançar os povos que ainda não receberam este evangelho e os que abandonaram-no é latente e de suma importância na missão da igreja, ele afirma que “não há maior contribuição que a igreja possa dar para a humanidade que o evangelho de Jesus Cristo e seu poder libertador” (PADILHA, 2005, p.144), por isso a evangelização constitui o primeiro enfoque de Padilha.

O discipulado tem a sua importância e destaque neste primeiro tópico, pois embora ainda existam desafios no campo da evangelização, o autor ressalta que após a Segunda Guerra Mundial houve um crescimento considerável do cristianismo, mas essa crescente ocorreu também em outras seitas e religiões, e este aumento que veio em um momento em que o mundo está se unificando através da tecnologia ocidental, mostra que no ser humano há, aquilo que Padilha chama de *vazio metafísico*, que a tecnologia não pode preencher.

Em sua compreensão, o autor vê este aumento considerável que ocorreu no número de cristãos e também em outros movimentos religiosos no terceiro mundo, como um resultado do impacto da civilização ocidental e uma reação a ela, surgindo assim o sincretismo nesse movimento massivo do homem rumo ao religioso, e é pelo fato de Padilha ver toda esta migração com olhares críticos e receosos que ele coloca o discipulado dentro do primeiro

enfoque da missão integral.

Padilha intensifica ainda mais esta visão dizendo: “talvez a necessidade mais urgente relacionada com o rápido crescimento da igreja seja uma nova ênfase num discipulado cristão que inclua a submissão de toda a vida ao senhorio de Jesus Cristo” (PADILHA, 2005, p.143).

O segundo ponto do conceito de Padilha é a Colaboração e Unidade, ele afirma que “as igrejas antigas e as igrejas novas [...] devem ser vistas como colaboradoras não meramente num sentido contratual, mas como colocadas por Deus nesta relação. Elas unem-se pela vontade de Deus, para fazer a vontade de Deus” (PADILHA, 2005, p.145). Este enfoque consiste em criar entre as igrejas que enviam missionários, e outros tipos de ajuda, e as igrejas que recebem este apoio, uma relação onde ambas possam ser mutuamente ajudadas e obedientes no ato de colaborar.

Para o autor as instituições e movimentos cristãos do terceiro mundo continuam dependendo dos estrangeiros, criando assim uma relação unilateral, onde igrejas jovens só desempenham o papel de receber e igrejas antigas o de enviar. Mas se esta relação for mudada, fazendo com que as “igrejas novas” possam ver-se cada vez mais como colaboradoras do reino, ele (Padilha) acredita que então haverá uma igreja universal, na qual os cristãos participarão efetivamente como integrantes da missão mundial.

Padilha afirma que “a colaboração na missão não é meramente uma questão de conveniência prática, mas a consequência necessária do propósito de Deus para a igreja e para toda a humanidade, revelado em Cristo Jesus” (PADILHA, 2005, 147). Quando a igreja falha como colaboradora na missão, ela falha também na manifestação da mensagem do evangelho, porque a missão não pode ser realizada de outra maneira que não seja a colaboração mútua, e essa é inseparável da unidade.

Para Padilha, esta unidade citada logo acima, está relacionada não só com o compartilhar alegria e tristezas, mas também em compartilhar os bens, não a fim de alguns terem em abundância e outros em escassez, mas sim que aqueles que têm em fartura possam suprir as necessidades daqueles que têm menos, tendo em mente que deve haver uma situação onde todos os cristãos estejam dispostos a compartilhar com os outros aquilo que têm, e podendo assim criar a possibilidade de partilha recíproca. O autor ainda afirma que: “a possibilidade de partilha recíproca entre as igrejas é uma premissa básica sem a qual não será possível uma relação saudável entre as igrejas ricas e pobres” (PADILHA, 2005, p.148).

O terceiro enfoque do conceito deste autor é o Desenvolvimento e Justiça. Este assunto tem o objetivo de trabalhar o desenvolvimento integral do indivíduo e da sociedade na qual está inserido. Discorrendo sobre esse ponto, Padilha assevera que “a missão cristã se orienta para o desenvolvimento de toda a pessoa e de todas as pessoas” (PADILHA, 2005, p.152). Em seu con-

ceito, esse desenvolvimento não pode ser dado apenas através de atividades caritativas e programas de ajuda, mas sim por meio de uma redistribuição de riquezas e uma reformulação de valores, no qual, países que possuem um alto índice de crescimento econômico vejam que somente no contexto da solidariedade, mordomia e responsabilidade humana é que a vida econômica tem sentido. Segundo Padilha “o desafio do terceiro mundo é um desafio aos ricos, a seus valores e ideais, as suas ambições e normas, seus pressupostos e seu estilo de vida” (PADILHA, 2005, p. 151).

Nesse desenvolvimento integral é incluído o desenvolvimento do homem também no contexto da justiça, o autor afirma que “o desafio que a igreja encara no campo do desenvolvimento hoje é fundamental o desafio de um desenvolvimento humano no contexto da justiça” (PADILHA, 2005, p.152). Em seu conceito, a igreja deve não somente buscar a justiça para os outros, mas antes, ser praticante desta justiça, e esta deve abranger não somente o indivíduo, mas deve também alcançar estruturas como sistema penitenciário, econômico, político, dentre outros, para que possa haver uma facilitação para a libertação da pobreza e da opressão, sabendo que o meio para se alcançar essas estruturas sempre requer ações políticas, que devem ser compatíveis aos princípios bíblicos.

Nesse segundo momento do trabalho será analisada a filosofia da CBESP, sobre a missão da igreja, e como esta deve realizá-la, também será abordada as perspectivas de autores que influenciaram essa filosofia no decorrer da história da formação dos conceitos Batista.

Segundo a CBESP, em sua síntese sobre a missão da igreja, declara que:

Ela, a *Igreja*,<sup>1</sup> cumpre os propósitos de Deus no mundo sob o senhorio de Jesus Cristo, o qual deseja criar um novo homem segundo a imagem e semelhança do Deus Triúno e formar uma nova humanidade um novo povo para louvor da glória da sua graça no tempo presente e na eternidade.

A igreja cumpre este propósito através do culto, da edificação dos salvos, da proclamação do evangelho, da ação social e da educação, vivendo em amor. No cumprimento destas funções, a igreja coopera com Deus para a consecução do plano divino de redenção. Baseada no princípio de cooperação voluntária, entende a igreja, que juntando seus esforços aos de igrejas irmãs, pode realizar a obra comum de missões, educação, formação de ministros e de ação social, com mais eficiência e amplitude (IGREJA Batista, 2004, p.34).

Segundo essa declaração, a missão da Igreja é cumprir os propósitos de Deus no mundo sob o senhorio de Jesus Cristo, e esse propósito consiste em criar um novo homem, segundo a imagem e semelhança do Deus Triúno e formar uma nova humanidade, um novo povo para louvor da glória da sua graça no tempo presente e na eternidade. A declaração indica cinco meios pelos quais estes objetivos são alcançados, os quais são: Culto, Proclamação

do evangelho, Educação e edificação dos salvos, Ação social e Cooperação.<sup>2</sup> Sobre o primeiro meio, o Culto, a Convenção Batista Brasileira afirma que:

O culto é um serviço de adoração a Deus, que lhe é prestado como resultado do reconhecimento do que ele é.

[...] como serviço de adoração, é o meio através do qual Deus se relaciona com seu povo, e revela a sua vontade oferecendo ao crente e à igreja a oportunidade de diálogo, louvor, confissão, dedicação, interseção e proclamação.

[...] O propósito do culto não é propriamente o recebimento [...] de Deus, mas a oferta da vida e tudo que ela representa. É também dinâmico e criativo, é uma experiência transformadora [...] (LIVRO DO MENSAGEIRO, 2002, p. 460).

O culto faz parte dos meios empregados para a igreja realizar a sua missão, pelo fato da CBESP entender este como uma experiência transformadora, porém neste primeiro ponto podemos notar que o enfoque é totalmente espiritual e individual.

O segundo meio trazido nessa declaração é a Proclamação do Evangelho, que se fundamenta em Mt.28.19, compreendendo que a igreja tem o dever de ir por todas as nações fazendo discípulos e batizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, aqueles que decidem fazer parte dela. A importância deste ponto na concepção Batista é dada por Mullins, este afirma que: “a igreja ainda é constituída para a proclamação do evangelho e do Reino de Cristo. E isto inclui atividades evangelísticas e missionárias, na comunidade local e fora dela [...] A igreja que não é missionária está condenada ao fracasso.” (MULLINS, 1969, p. 65)

Entretanto, ainda dentro dos conceitos batistas, essa proclamação não deve infringir o individualismo do ser humano, sobre isso Landers declara que: “A pregação do evangelho conduz as almas a Cristo, mas a decisão fica com o indivíduo” (LANDERS, 1987, p.35).

O terceiro meio é a Educação e Edificação dos salvos. Essa está relacionada ao desenvolvimento do caráter de Cristo no indivíduo, dado através do ensino teológico, e compreende-se que através desse ensino a pessoa pode conhecer a verdade que a liberta, experimentar o amor que o transforma em servo da humanidade, e alcançar a fé que lhe dá a esperança no reino de Deus. Israel Azevedo enfatiza que este enfoque é tido como um imperativo divino e um ponto essencial para que os cristãos possam desenvolver as virtudes cristãs e exercer suas responsabilidades.

A coesão doutrinária dos batistas é perceptível, mesmo tendo estas um sistema administrativo que parte do princípio de igrejas autônomas. Esta coesão pode ser explicada, segundo Azevedo (1996, p.196), principalmente por dois fatores: “a copiosa produção de material educacional para uso das igrejas

e a existência de centros nacionais de formação de lideranças”, ou seja, esta coesão é fruto da atenção dada à educação e edificação dos salvos.

O penúltimo meio, Ação social, dentro da filosofia da CBESP pode ser melhor entendida a partir da declaração doutrinária batista, na qual traz a seguinte afirmação “como o sal da terra e a luz do mundo, o cristão tem o dever de participar em todo esforço que tende ao bem comum da sociedade em que vive” (IGREJA Batista, 2004, p.30). Porém, esse enfoque parte do pressuposto que a mensagem do evangelho é o maior bem que se pode dar ao indivíduo, pois o bem estar social e a regeneração do homem dependem basicamente da prática dos princípios do evangelho na vida individual e coletiva de cada um.

A declaração aponta também para o aspecto da responsabilidade social de cada indivíduo, com o seguinte trecho: “todavia, como cristãos, devemos estender a mão de ajuda aos órfãos, às viúvas, aos anciãos, aos enfermos e a outros necessitados, bem como a todos aqueles que forem vítimas de quaisquer injustiças e opressões” (IGREJA Batista, 2004, p.30).

O último meio, a Cooperação, é vista com dois níveis diferentes de significado. O primeiro é a cooperação do homem para com Deus, no qual ele tem a honra de trabalhar com seu Senhor e se tornar um cooperador no plano divino. O segundo consiste em uma cooperação entre as igrejas, que visa cumprir a missão universal que foi dada por Deus à Igreja, segundo Taylor: “cada igreja tem uma missão local que somente ela pode cumprir, e todas as igrejas tem uma missão universal e somente em cooperação podem dar conta de suas responsabilidades” (TAYLOR, 1957, p.108).

Segundo a Filosofia da CBESP “a cooperação é a obra de iguais, de companheiros de livres; porque é o resultado de vontades que livremente decidem pela união de forças para a realização de propósitos comuns” (IGREJA Batista, 2004, p. 35), e é baseada neste princípio que ela (CBESP) afirma que a igreja pode realizar missões, e outras obras e ações citadas anteriormente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após essa explanação dos conceitos de Missão da Igreja, de Padilha e da CBESP, pode se ver que existem pontos que são comuns nas duas filosofias, a saber, a busca por uma transformação da realidade. Tanto a CBESP como Padilha, apontam para uma transformação, este (Padilha) por sua vez não usa a palavra propriamente dita como a outra (CBESP) o faz, mas ambos concordam entre si, e também com Bosch que também a evidencia em sua síntese.

Também pode se observar diferenças entre as duas declarações comparadas, por exemplo, a atenção dada por Padilha para a Justiça. Nesta, ele parte do indivíduo e vai até instituições, sistemas e governos, distanciando-se assim de maneira considerável da filosofia da CBESP, que nada menciona

sobre um possível diálogo com o poder político, mas que desenvolve seu pensamento de forma mais “conversionista”, apelando somente para o indivíduo em sua particularidade, e nunca ao “poder”.

Além destas diferenças e semelhanças entre os conceitos podemos ver que Bosch traz um fator de extrema relevância que não aparece em nenhuma das filosofias estudadas, a saber, a visão de transformar a própria Missão. O autor entende a Missão como uma atividade que transforma a realidade, mas também acredita que ela deve ser simultaneamente e constantemente transformada.

Após estas devidas considerações podemos concluir que nos dois conceitos comparados (de René Padilha e da CBESP) existem pontos importantes que foram acertadamente inseridos em suas filosofias de missão da igreja, mas que da mesma forma existem desfalques nas duas, tornando-as assim deficientes.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, Israel Belo. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: UNIMEP, 1996.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. tradução de Geraldo Korndörfer; Luis Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

IGREJA Batista. *Realidade Batista São Paulo: rumo e prumo*. São Paulo: CBESP e OPBB-SP, 2004.

LANDERS, J. *Teologia dos Princípios Batistas*. 2ªed. Rio de Janeiro. Junta de Educação Religiosa e Publicações. 1987.

LIVRO DO MENSAGEIRO. Assembléia da 94ª CBESP (Convenção Batista do Estado de São Paulo)

MULLINS, E. Young. *Crenças batistas*. 3ª ed. alterada. Rio de Janeiro: Publicado pela união Geral de Senhoras Auxiliar à Convenção Batista Brasileira, 1969.

PADILHA, C. René. *Missão integral*. 2ª ed. Londrina: Descoberta, 2005

STOTT, John. *Evangelização e Responsabilidade Social*. São Paulo, Belo Horizonte: ABU e Visão Mundial, 1985.

TAYLOR, W. Carry. *Manual das Igrejas*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. 1957.

<sup>1</sup> Itálico nosso.

<sup>2</sup> As ordens dos meios citados foram alteradas quando sistematizadas fora da declaração, por questões didáticas.